*ISBN 978-85-7846-455-4*

**ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E AMBIENTES PARA CRIANÇAS**

**DE ZERO A TRÊS ANOS**

Carla Regina de Souza

carlarnza@gmail.com

Elyner Pierini Souza

ely\_ner@hotmail.com

Jamille Mansur Lopes

jamansur@gmail.com

Karoline Almeida Betti

kaka.05.04almeida@gmail.com

Eixo 1: Formação e Ação Docente

**Resumo:** Este artigo tem a finalidade de elucidar a relevância da organização dos espaços e ambientes, tornando-os atrativos e estimuladores para a criança, encorajando o seu desenvolvimento considerando suas particularidades, articulando conteúdos, brincadeiras, espaços e objetos. Esta pesquisa tomou como base a organização dos arranjos espaciais no processo educativo, seus elementos condicionantes, considerando o espaço como elemento curricular, a relação entre espaço físico e desenvolvimento infantil, conceituando-o como cenário de aprendizagens. O método empregado foi pesquisa bibliográfica exploratória com levantamento de dados secundários. Ficou clara a relevância da atuação do professor como facilitador no processo de desenvolvimento cognitivo, social e motor a partir do planejamento das propostas pedagógicas, logo, é necessário voltar os olhos para a criança estimular a sua imaginação, proporcionar sensações e experiências em um ambiente saudável para a exploração dos seus interesses.

**Palavras-chave:** Espaços e Ambientes, Organização, Desenvolvimento Infantil.

**Introdução**

A aprendizagem não ocorre em situação de isolamento, portanto é necessário evidenciar dentro da cultura, costumes e hábitos regionais um ambiente adequado para à aprendizagem, bem como uma constante melhoria no ambiente além dos muros da escola, ou seja, qualidade na estrutura física do ambiente escolar e em seu entorno (nutrição, médicos, saúde pública, etc).

Por isso, o ambiente escolar é de suma importância para o aprendizado e desenvolvimento da criança, visto que promove autoconhecimento e faz com que a criança descubra e aprenda sobre suas preferências, aptidões, e que tenha novas interações. Tão importante quanto, para o professor, um ambiente adequado na Educação Infantil auxilia na possibilidade de observação e nas avaliações que se tem desse educando.

A forma como a organização do espaço, na Educação Infantil, acontece precisa ser analisada de maneira que promova o desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, fazendo com que a criança vivencie boas experiências conforme a intencionalidade das atividades que o educador vai propiciar.

Desta forma, o ambiente escolar deve estar de acordo com as necessidades, psicológicas, sociais e históricas das crianças. Considerando então que tal rotina seja baseada em relação a alimentação, repouso, higiene de cada infante, considerando sua individualidade.

Posto isto, observa-se que uma organização de ambiente que não acolhe a criança como um todo ou que esteja com uma estrutura falha, poderá não estimular as potencialidades do educando nesse espaço escolar (BARBOSA; HORN, 2001).

A partir disso, o presente artigo busca mostrar a relevância da organização intencional dos espaços e ambientes, fazendo com que estes sejam mais atrativos e estimuladores para a criança, estimulando o desenvolvimento integral da criança, levando em conta suas particularidades.

**Importância da organização do espaço no processo educativo**

Muitas vezes não se percebe a importância que o espaço e sua organização têm para a formação, desenvolvimento e aprendizagem da criança, analisando o espaço apenas como papel de fundo, não demonstrando o grande significado que tem no processo educativo, pois o mesmo além de orientar a prática educativa também facilita e limita este processo. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 69):

O espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem. Para tanto, é preciso que o espaço seja versátil e permeável

à sua ação, sujeito às modificações propostas pelas crianças e pelos professores em função das ações desenvolvidas.

De acordo com Barbosa (2001), a organização da rotina das crianças na Educação Infantil sugere que uma sequência básica de atividades diárias, feitas pelos educadores, a partir de interpretações do ambiente, das necessidades e da vivência no qual o infante está inserido. Desse modo, os educadores devem observar, brincar e analisar como as crianças se comportam, desenvolvem, bem como seus desejos. O conhecimento do espaço é fundamental para o planejamento de uma rotina e estruturação do espaço-temporal, para que este tenha significado. Por isso a importância do estudo constante do contexto sociocultural e a proposta pedagógica da escola.

Já para Oliveira (2007), é necessário que o arranjo das condições de aprendizagem articule adequadamente conteúdos, atividades, horários, espaços, objetos e parceiros disponíveis. Logo, é relevante evidenciar o conjunto de elementos que estão envolvidos no processo educacional, e o ambiente é um fator que requer atenção e cuidado.

O ambiente físico e os arranjos espaciais existentes nas creches e pré-escolas têm sido apontados como setores que requerem especial atenção e planejamento. Além disso, as pesquisas são claras em demonstrar a importância da significação que a criança pequena empresta ao ambiente físico, que pode lhe provocar medo ou curiosidade, irritabilidade ou calma, atividade ou apatia (OLIVEIRA, 2007, p. 192).

É importante ponderar que o espaço na Educação Infantil não é composto apenas por divisões arquitetônicas específicas, tais como, arejamento, iluminação, distribuição de crianças por metro quadrado e mobília, o espaço vai além dos elementos físicos, como afirma Oliveira (2007, p. 192), “todo o contexto ambiental é um sistema de inter-relações dos vários componentes físicos e humanos que dele participam”.

A Educação Infantil possui particularidades, requer espaços amplos, de fácil movimentação, onde os arranjos espaciais devem ser compostos de acordo com a intencionalidade, e a partir da proposta de organização é possível obter diferentes resultados. Há múltiplas formas de ordenação dos espaços, desde lugares amplos que possibilitam a interação e movimentação de crianças, até espaços retrógrados tradicionalistas, ou ainda há aqueles que lembram a estrutura de hospital.

Há sempre um arranjo ambiental, mesmo que isso se traduza na existência de uma sala com pouco mobiliário e poucos objetos e brinquedos ou uma sala entulhada de berços dispostos lado a lado, como na enfermaria de um hospital tradicional, ou abarrotada de mesas, cadeiras ou carteiras, imitando um arranjo escolar também ultrapassado. (OLIVEIRA, 2007, p. 192)

O ponto chave é refletir se os espaços estão organizados de acordo com a intencionalidade da proposta pedagógica que o envolve, como alega Oliveira (2007, p.193) “não basta organizar a sala em cantinhos, se nela persistir uma pedagogia centrada nas instruções do professor”. É preciso voltar o olhar para a criança e considerá-la como exploradora do ambiente e que está o tempo todo em desenvolvimento, é preciso que o espaço em que ela está inserida estimule a sua imaginação, proporcionando novas sensações e experiências.

O ambiente das creches e pré-escolas pode ser considerado como um campo de vivência e explorações, zona de múltiplos recursos e possibilidades para a criança reconhecer objetos, experiências, significados de palavras e expressões, além de ampliar o mundo de sensações e percepções. (OLIVEIRA, 2007, p. 193)

Conceituar o espaço como um campo de vivências que proporciona inúmeras experiências à criança, se traduz na relevância das atribuições que o espaço físico têm, bem como o seu potencial de estimular a exploração e os interesses da criança. Para Oliveira (2007, p.194) “o ambiente constitui expressão de um sistema social com suas rotinas, relações, ideologias, etc. É esse sistema que prescreve a função de um espaço físico-social e as pessoas que o podem utilizar, o que podem fazer e com quem”. Espera-se que esse espaço projetado e planejado para ao desenvolvimento infantil possa proporcionar inúmeras experiências de desenvolvimento, nos aspectos pessoais e sociais.

Para Zabalza (1998) o território social e natural encontra-se dotado de qualidades, a ponto que a criança possa buscar e captar de forma autônoma, sinais de identidade, semelhanças, analogias, diferenças e contradições, e a imersão nos ambientes permite a capacidade de observação e descobrimento, contribuindo para a superação da perspectiva egocêntrica infantil, que consiste na incapacidade de descentralizar a própria perspectiva de mundo. Dessa forma, os ambientes da Educação Infantil são projetados para o desenvolvimento do corpo e do intelecto nos níveis individuais e sociais dos infantes.

Para uma melhor compreensão acerca do tema é necessário conceituarmos as diferenças entre os termos ambiente e espaço, para Zabalza (1998) a palavra espaço está relacionada a estrutura arquitetônica, física, aos locais de atividades com objetos e materiais físicos, didáticos, mobiliários e decorativos. Já o termo ambiente se refere às relações que são estabelecidas e mantidas, ou seja, os afetos, as relações interpessoais entre as crianças e com os adultos.

Ainda para Zabalza (1998, p. 233) “entender o ambiente como uma estrutura com quatro dimensões claramente definidas e inter-relacionadas entre si”. A dimensão física reporta-se aos espaço físicos, a planta arquitetônica da escola, suas condições estruturais e a sua organização, além da distribuição de mobília. Já a dimensão funcional, acusa o aproveitamento dos espaços e ao seu uso, a que são destinados, tanto pela criança quanto do professor. A dimensão temporal está relacionada com a sistematização do tempo durante o uso de diversos espaços e em diferentes atividades, como, o tempo de brincar, de conversar, de contar histórias, do almoço, do café da tarde, das atividades livres e dirigidas. Por fim, a dimensão relacional, que reporta-se às diferentes relações dentro de sala de aula, referentes aos espaços envolvidos e acesso a esses locais, tais como, as normas impostas pelo professor, os agrupamentos para produção das atividades, a participação do professor nos diversos espaços e nas tarefas das crianças.

As propostas podem ir além do muros das instituições de Educação Infantil, propiciando o aprendizado em diversas modalidades, como cita Zabalza (1998, p. 87), “o território de vida da criança também oferece aulas didáticas descentralizadas potenciais sob a roupagem de serviços culturais, recreativos, lúdicos, utilizáveis pela escola infantil”, entre eles podemos considerar bibliotecas, museus, pinacotecas, centro de esportes e brinquedotecas. Ainda para Zabalza (1998), a ludoteca é capaz de criar espaços pedagógicos de relevância, uma vez que ela pode se transformar em um centro de animação formativa, onde as crianças são livres para escolher os brinquedos, desenvolvendo nelas capacidades de exploração, comunicação, construção e fantasias.

**Organização dos espaços e os elementos condicionantes**

Para Zabalza (1998, p. 241) o espaço tem uma relação particular com as pessoas que o frequentam, em termos educacionais, “o espaço é um acúmulo de recursos de aprendizagem e desenvolvimento pessoal”. E por este motivo ressalta-se a importância da boa organização desses locais, de modo que possam gerar ambientes instigantes e cheios de oportunidades de aprendizado.

O ambiente é um educador(a) à disposição tanto da criança como do adulto. Mas só será isso se estiver organizado de um certo modo. Só será isso se estiver equipado de uma determinada maneira ( NERI e VECCHI, p.19 *apud* ZABALZA, 1998, p.241).

Ainda para Zabalza (1998) a organização dos espaços dentro da sala de aula considera os seguintes aspectos: elementos condicionantes, modelos de organização do espaço, papel do professor e critérios de organização. Dessa forma, os elementos condicionantes são contextuais, como, o macroambiente e microambiente, neste caso o macroambiente pode ser a escola e microambiente a sala de aula. Ainda estão inclusas as condições climáticas, que influenciam diretamente na organização, tanto em dias chuvosos que se faz necessária a permanência da criança em espaços cobertos, quanto para os dias de sol, onde os infantes possam se movimentar com liberdade, dessa forma, o clima tem influência direta sobre a rotina, na atividades dentro de sala e nas atividades extra-classe.

Segundo Zabalza (1998), os recursos do ambiente são aqueles espaços que passam a integrar o processo de formação das crianças, podem ser naturais ou construídos, como, o parque, a biblioteca ou a praça próxima à escola.

Ainda para Zabalza (1998) a escola pode oferecer três tipos de condicionantes, são eles: as condições arquitetônicas, escolas antigas podem não oferecer instalações adequadas, pois são espaços adaptados, e podem faltar itens como a pia, o banheiro, ou ainda com pouca incidência de luz e, para sanar tais problemas é necessário passar por grandes reformas. Outro elemento condicionante é são os espaços externos e a sua adequação, fazendo referência às condições e dimensões dos equipamentos oferecidos, como exemplo temos o pátio, e tanto a estrutura do pátio quando os equipamentos ali instalados condicionam as atividades que poderão ser desenvolvidas, considerando ainda o tipo de piso, se é grama ou calçada, se é coberto ou não. Por fim o terceiro elemento condicionante da escola são as áreas de uso comum com condições específicas, é interessante que esses espaços sejam amplos, a fim de possibilitar a prática de atividades diversas como, sala de artes plásticas, de projeções audiovisuais, além das atividades que envolvem a psicomotricidade, o uso de espaços comuns podem ser provocadores e desafiantes, oferecendo propostas diferentes daquelas que são executadas na rotina comum da sala de aula.

De acordo com Zabalza (1998) os modelos mais mais comuns de escolas podem ser lineares com as salas em um ou mais corredores ou ainda agrupamentos de salas formados por núcleos, onde as salas estão próximas a partir de um espaço comum, ou agrupamentos mistos que combinam os dois modelos, onde a escola possui uma ou mais edificações. Para o autor, a Educação Infantil requer espaços externos, amplos e abertos onde grupos de diferentes faixas etárias podem se encontrar sem a interferência de barreiras, com uma organização diferente da rotina habitual, como, gramados, parques e quadras. Os espaços externos devem ser adequadamente equipados com brinquedos seguros para as diversas faixas etárias.

Já na sala de aula, Zabalza (1998) cita que os fatores condicionantes da organização do espaço são: os elementos estruturais, ou seja, o espaço fixo, os aspectos permanentes, sendo eles, a dimensão da sala de aula que afetará o mobiliário, espaços anexos à sala de aula, como o solário, que pode facilitar execução de atividades diversas. A posição das janelas que terá influência direta na iluminação e ventilação do ambiente. A existência ou não de pontos de água e a sua disposição dentro do espaço que influenciam diretamente nas propostas que utilizam esse recurso. A presença de armários fixos ou embutidos e a sua localização dentro do espaço, irão condicionar a organização dos estoques de materiais, o uso e guarda dos mesmos, deixando ou não o ambiente livre para as crianças e com acesso facilitado para o professor. E por fim, o tipo de piso, que irá influenciar diretamente na rotina das crianças, se forem escorregadios ou frios será necessário o uso de tapetes para garantir a segurança dos infantes.

O planejamento do espaço, no que se refere aos elementos estruturais, “fixa de modo permanente as atividades a realizar, já que afeta o comportamento das pessoas dentro desse espaço e a maneira como se comunicarão umas com as outras (HENNINGS 1978, p.182 *apud* ZABALZA, 1998, p. 246).

Zabalza (1998) afirma que o mobiliário pode afetar os elementos condicionantes na organização do espaço através da sua quantidade e tipo, para a quantidade é relevante considerar tanto a falta como o excesso e, para o tipo de mobília podemos considerar o peso, se os móveis possuem rodinhas, se são de fácil ou difícil transporte. A mobília, aqui entendidas como mesas e cadeiras, quando são de fácil transporte são capazes de dinamizar o espaço, facilitando e agilizando a transformação do ambiente, já as mobílias de difícil transporte ou pesadas tornam custosas as alterações na disposição do ambiente, a sala de aula se torna um espaço fixo. Além disso, a disposição dos móveis pode ajudar na participação das crianças nas tarefas de transformação do espaço, onde elas mesmas podem transportar suas cadeirinhas. Um mobiliário versátil pode ter diferentes usos, além de oferecer novas possibilidades de intervenção no espaço, é capaz de instigar a criança a se movimentar e interagir com as demais, portanto, é relevante que a mobília seja funcional e acessível às crianças, possibilitando a sua autonomia, sem oferecer riscos a sua integridade.

Já para os materiais, é primordial destacar a eficácia de estimulação em certas atividades, pois as crianças costumam empregá-los em suas brincadeiras de inúmeras formas, um exemplo de material são os blocos de montar que se transformam em caminhões, carros, aviões, comidinhas, entre outros. Para Zabalza (1998, p. 247) “a forma como a professora preenche os espaços de materiais e o seu tipo, irá condicionar as iniciativas das crianças”.

A maneira de situar os elementos de jogo e as instalações para jogar com eles favorece ou inibe a sua utilização pelas crianças. As estantes para materiais que são acessíveis às crianças oferecem a elas maiores possibilidades de independência e autonomia (READ, 1982, p. 126 *apud* ZABALZA, 1998, p. 248).

Desta forma a importância da organização no espaço tem influência no processo educativo com a finalidade de planejar da melhor maneira possível diferentes vivências para a criança, porém, todas elas terão significado adquiridos pelo educador.

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais, móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica (HORN, 2004, p. 15).

Sendo assim é responsabilidade dos educadores analisar e perceber a importância da organização dos espaços de maneira que atenda as necessidades infantis, em preparar e organizar a sala a fim de obterem maiores aprendizagens, estimulando o desenvolvimento da criança e promovendo as mudanças necessárias dentro da sala de aula.

**O espaço como elemento curricular**

De acordo com Thiesen (2011), a descrição de espaço da escola vivencia uma releitura das concepções de currículo, baseado em discussões que englobam diferentes questões sobre o tema do currículo, tais como cultura, gênero, identidades, raça, interdisciplinaridade, etc. Logo, se considerarmos o espaço com a finalidade educacional, iremos ainda relacionar os elementos intrínsecos a ele, como conteúdo de aprendizagem.

A forma como organizamos e administramos o espaço físico de nossa sala de aula constitui, por si só, uma mensagem curricular, reflete o nosso modelo educativo (...) A forma como organizamos os espaços e cada uma de suas áreas e elementos reflete direta e indiretamente o valor que lhe damos e a função que lhe outorgamos e, além disso, diz muito em relação ao tipo de comportamento instrutivo e que transmite o que esperamos de nossos alunos (ZABALZA, 1987, p. 124).

Portanto, cabe ao professor organizar esse espaço escolar com a intencionalidade de oferecer meios que possam estimular o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Pol e Morales afirmam:

O espaço jamais é neutro. A estruturação, os elementos que o formam, comunicam ao indivíduo uma mensagem que pode ser coerente ou contraditória com o que o educador quer fazer chegar à criança. O educador não pode conformar-se com o meio tal como lhe é oferecido, deve comprometer-se com ele, deve incidir, transformar, personalizar o espaço onde desenvolve a sua tarefa, torná-lo seu, projetar-se fazendo deste espaço um lugar onde a criança encontre o ambiente necessário para desenvolver-se. (POL e MORALES, 1982, p. 5 *apud* ZABALZA, 1998, p. 253)

Portanto o educador deve buscar meios de transformação no ambiente, tornando-o dinâmico, instigante, alterando a disposição das mesas e cadeiras, mudando os materiais de lugares, criando novos cartazes, móbiles, entre outros, utilizando de propostas diversas tanto no interior da sala de aula como nos espaços externos aos quais tem acesso e que não ofereçam riscos para as crianças.

Para Zabalza (1998) o espaço pode ser entendido ainda como uma estrutura de oportunidades, contexto de aprendizagem e significados, entendendo o espaço como uma condição externa que pode favorecer ou dificultar o processo de crescimento pessoal da criança, bem como o desenvolvimento das atividades dirigidas. Já para o contexto de aprendizagem o ambiente de aula constitui uma estrutura de redes espaciais, de linguagens, instrumentos, e possibilidades ou limitações para os desenvolvimento das atividades formadoras, influenciando diretamente nas relações que a criança estabelece, individuais e sociais.

O espaço como conteúdo curricular se deu de três formas, como cita Zabalza (1998) a primeira etapa considera o espaço como o lugar onde se ensina, tornando a ação do professor dirigida e de adaptação nos espaços onde deveria atuar. Já na segunda etapa, o espaço se converte em componente instrumental, local que o professor tem liberdade para alterar da forma como julgar melhor para o desenvolvimento das atividades, de forma que o torne um elemento facilitador. Por fim, na terceira etapa, o espaço passa a integrar o projeto formativo e se transforma em uma das variáveis desse projeto. O espaço deixa de ser o lugar onde se ensina ou ainda um elemento facilitador, mas o espaço torna-se um fator de aprendizagem, onde os espaços e os elementos são integrantes do projeto educacional.

Dessa forma, o bom aproveitamento do espaço e a sua forma de organização são capazes de definir o cenário de aprendizagem para as crianças ali inseridas.

O ambiente da sala de aula é muito mais do que um lugar para armazenar livros, mesas e materiais. Cuidadosamente o organizadamente disposto, acrescenta uma dimensão significativa à experiência educativa do estudante, atraindo o seu interesse, oferecendo informação, estimulando o emprego de destrezas, comunicando limites e expectativas, facilitando as atividades de aprendizagem, promovendo a própria orientação e apoiando através destes efeitos o desejo de aprender (LOUGHLIN & SUINA, 1987, p.16 *apud* ZABALZA, 1998, p.237).

Portanto, o espaço delimitado como ambiente de aprendizagem atravessa os limites físicos, por mais que esteja condicionado a circunstâncias como, estrutura, mobília, disposição espacial e materiais. É primordial a atuação docente com intencionalidade pedagógica para a organização adequada deste local, pois o cenário de aprendizagem tem grande poder de influência no desenvolvimento da criança.

**O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança**

Desde que nasce a criança precisa de espaços que ofereçam liberdade de movimentos, segurança e que acima de tudo possibilitem sua socialização com o mundo e com as pessoas que a rodeiam. Espaços estes de direito de todas as crianças sejam eles: públicos, privados, institucionais ou naturais. Segundo Lima:

O espaço é muito importante para a criança pequena, pois muitas, das aprendizagens que ela realizará em seus primeiros anos de vida estão ligadas aos espaços disponíveis e/ou acessíveis a ela. (LIMA, 2001, p.16)

Já para Vygotsky, “o ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial ao seu desenvolvimento”. (*apud* DAVIS e OLIVEIRA, 1993, p. 56). Portanto um ambiente estimulante para a criança é aquele em que ela se sente segura e ao mesmo tempo desafiada, onde ela sinta o prazer de pertencer a aquele ambiente e se identifique com o mesmo e principalmente um ambiente em que ela possa estabelecer relações entre os pares.

E para Piaget, “a autonomia também é conquistada através da união com os iguais, com quem as relações de poder são diferentes daquelas que a criança desenvolve com o adulto” (*apud* ZABALZA, 1998, p. 154). É indispensável que o espaço propicie o desenvolvimento conjunto dos infantes, em todos os aspectos, considerando as individualidades e potencialidades das crianças, de acordo com a faixa etária.

Os ambientes devem ser planejados de forma a satisfazer as necessidades da criança, permitindo ainda que o professor perceba a maneira como a criança mostra a sua realidade, seus anseios e as suas fantasias.

Desta forma, os espaços devem ser organizados de forma que desafiem a criança nos campos: cognitivo, social e motor. Dando a possibilidade a criança de andar, subir, descer e pular, através de várias tentativas, assim a criança estará aprendendo a controlar o próprio corpo, um ambiente que estimule os sentidos das crianças, que permitam a elas receber estimulação do ambiente externo, como cheiro de flores, de alimentos durante o preparo, entre outros.

Para Oliveira (2007), nenhum ambiente é neutro com respeito ao seu impacto sobre o comportamento humano, particularmente sobre o desenvolvimento dos que nele estão envolvidos. Logo, todos os ambientes influenciam de alguma forma aqueles que estão ali inseridos, essa interferência torna-se ainda maior em crianças que estão em fase de desenvolvimento.

Ainda de acordo com Oliveira (2007), a organização dos espaços pode ser com ou sem intencionalidade e tem influência direta no comportamento dos infantes, promovendo a interação saudável e recíproca entre as crianças ou ainda brigas e disputas por objetos diversos, mesmo esta que não esteja prevista na proposta pedagógica. O ambiente também pode ser considerado como um recurso de planejamento, voltado para o desenvolvimento da criança que deve ser elaborado pelo educador, pois este além de ensinar, contribui para a formação humana dos educandos.

Já para Piaget [...] “também são oferecidos materiais que promovam a consciência da diferença e, neste sentido, a consciência da diferença é a consciência do outro e a consciência de si mesmo” (PIAGET apud ZABALZA, 1998, p.154).

Assim oferecendo materiais variados para a criança, estes permitem a ela uma ação independente e a sua estimulação e contato com o mundo físico, facilitando a construção do próprio conhecimento, e a sua interação e relação interpessoal com o outro, em um processo de desenvolvimento mútuo.

**O espaço para interações e brincadeiras na educação infantil**

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, as instituições de Educação Infantil devem recepcionar as crianças com ambientes favoráveis às práticas pedagógicas ricas com propostas lúdicas e interativas, voltadas ao desenvolvimento infantil.

Para muitas crianças, as creches ou escolas são os locais onde passam o maior número de horas de seu dia, e por isso, as estratégias pedagógicas utilizadas devem (...) evitar a monotonia, o exagero de atividades “acadêmicas” ou de disciplinamento estéril. (LDB, 1999, p. 14)

Para Tomaz (2012 p. 102) “as aprendizagens na infância vão além das possibilidades intelectuais, considerando-se ainda os aspectos de sensibilidade, autonomia, autoestima, raciocínio, socialização, domínio motor, representações simbólicas com múltiplas possibilidades”.

Ainda para Tomaz (2012) cabe lembrar que a instituição de Educação Infantil deve ser socialmente ordenada para o desenvolvimento de aprendizagens infantis e também das funções psicológicas, considerando as individualidades e potencialidades das crianças.

As funções psicológicas superiores - percepção, pensamento, memória, imaginação, atenção são constituídas pela cultura; pode-se dizer que é nas mediações realizadas pelos mais experientes e pela atividade da criança que os processos psicológicos vão se tornando cada vez mais complexos (VYGOTSKY, 2007 *apud* TOMAZ, 2012, p.103).

Considerando Tomaz (2012) em grande parte das salas de Educação Infantil as mesas e cadeiras tem o tamanho adequado para a faixa de idade, porém os brinquedos se localizam em estantes e armários e ficam inacessíveis para as crianças que também não tem opção de escolha, pois estes são apresentados de acordo com o plano de aula, e, quando os brinquedos são entregues há disputas por determinados por objetos com pouca disponibilidade, gerando conflitos. Por isso é primordial a intencionalidade do professor no planejamento das propostas pedagógicas.

O brinquedo e o ato de brincar fazem parte da vida da criança independente do nível social ou cultural a que ela pertence. E para Horn (2004, p.70) “o brinquedo sempre fez parte da vida das crianças, independentemente de classe social ou cultural em que está inserida”. Para o autor, a criança possui o instinto natural de brincar, pois brincar com os alimentos usando a sua imaginação até mesmo na hora das suas refeições. Sendo assim, deve-se oferecer às crianças ambientes onde ela possa brincar livremente de uma forma lúdica e prazerosa e com isso desenvolver a sua aprendizagem.

O brinquedo satisfaz as necessidades básicas de aprendizagens das crianças, como, por exemplo as de escolher, imitar, dominar, adquirir competências, enfim de ser ativo em um ambiente seguro, o qual encoraje e consolide o desenvolvimento de normas e valores sociais ( HORN 2004, p. 71).

Com isso a brincadeira acaba ajudando a criança a criar uma certa confiança em suas escolhas, tornando-as mais desenvolvidas para com as suas interações sociais, facilitando ainda a formação das próprias opiniões, seja em brincadeira com os outros ou na interação com seus professores e familiares, pois as crianças que brincam em diferentes ambientes acabam formando mais conhecimento e transmitindo-os para outras crianças em seu meio de convívio, por isso que o ambiente é algo muito importante para o desenvolvimento.

Brincando (e não só) a criança se relaciona, experimenta, investiga e amplia seus conhecimentos sobre si mesma e sobre o mundo que está ao seu redor. Através da brincadeira podemos saber como as crianças vêem o mundo e como gostariam que fosse, expressando a forma como pensam, organizam e entendem esse mundo. Isso acontece porque, quando brinca, a criança cria uma situação imaginária que surge a partir do conhecimento que possui do mundo em que os adultos agem e no qual precisa aprender a viver ( FANTIN 2000, p. 53).

Ao brincar as crianças expressam seus sentimentos e anseios, como exemplo, temos quando a criança brinca de escolinha em sua casa, ela acaba fazendo da mesma forma que sua professora faz em sua sala de aula, e desta maneira os pais obtêm uma noção de como seus filhos são tratados na escola. Portanto quando a criança brinca nos espaços com seus brinquedos e outros objetos, passa a ter uma atividade de liberdade que a enriquece trocando os saberes com as outras, tornando os ambientes em algo mágico e fantasioso e, pois as crianças fazem dos ambientes diferentes cenários para desenvolver a sua imaginação nas brincadeiras.

**Considerações Finais**

Conclui-se que a organização dos espaços e ambientes na educação infantil é elemento essencial e tem a função de auxiliar a criança no processo de desenvolvimento infantil, aprimorando as suas potencialidades, propondo novas habilidades motoras, cognitivas ou afetivas.

É primordial que os espaços sejam adequadamente planejados para se tornarem atrativos e estimulantes, considerando as individualidades e limitações da faixa etária. Já como elemento curricular, o espaço e seus elementos condicionantes devem ser tratados como cenário de aprendizagem no processo educativo, encorajando a criança, despertando a sua imaginação, curiosidade, interação, articulando conteúdos, brincadeiras e materiais.

Destaca-se a atuação do professor como facilitador no processo de desenvolvimento infantil a partir de propostas pedagógicas cheias de intencionalidade, que possam propiciar a movimentação e a interação das crianças nos espaços da Educação Infantil, que devem ser adequadamente planejados, incentivando às crianças a autonomia necessária para o seu desenvolvimento e a construção de conhecimento que se dá nos cenários de aprendizagens e no convívio com os pares. É necessário voltar os olhos para a criança, pois ela constrói em sua rotina um ambiente com vivências e emoções que a farão expressar a sua maneira de pensar, seus sentimentos, medos, desejos e sonhos.

Há ainda um forte vínculo com os profissionais da Educação Infantil, particularmente com a figura do professor que planeja e constrói um ambiente favorável para a criança, atuando como mediador no processo de desenvolvimento. Tendo como base as propostas dos autores aqui citados, é primordial reflexão sobre a postura adequada do educador, pois este deve ter a consciência que os espaços e os ambientes que são fatores essenciais na vida de uma criança.

**Referências**

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. **Organização do espaço e do tempo na escola infantil**. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. Educação Infantil. Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 67-79.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/parecer\_ceb\_22.98.pdf>. Acesso em 19/08/2017.

DAVIS, Claudia. OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2004

LIMA, Elvira de Souza. **Como a criança pequena se desenvolve**. São Paulo: Sobradinho, 2001.

FANTIN, Mônica. Jogos e brinquedos e brincadeiras – A cultura lúdica na educação infantil. In: **Síntese da qualificação da educação infantil**. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação: 2000.

OLIVEIRA, Zilda Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 3 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

REGO, Teresa C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

THIESEN, Juares da Silva. **Tempos e espaços na organização curricular: uma reflexão sobre a dinâmica dos processos escolares**.Educ. rev., Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 241-260, Apr. 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0102-46982011000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18/08/2018.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil.** Editora Artmed. Porto Alegre, 1998.